

Compreenderam por exemplo porque fôra a Revolução Francesa uma necessidade histórica; porque deixara a livre concorrência de ser um factor de progresso. Compreenderam o inevitável pessimismo da fase de agonia do nosso sistema, e a necessidade de se não deixarem vencer por êle, fugindo dos tristes e confrangedores males dêste mundo.

Em lugar de renegarem os factores que condicionaram as crises e os desempregos, reconheceram a urgência em utilizar êsses factores com um fim diferente daquele com que se têm utilizado até aqui.

De tôdas estas compreensões e necessidades resultou a formação de uma mentalidade bastante diferente da mentalidade que os modernistas lhes indicam. Os problemas dos modernistas não são os seus problemas. Enquanto aqueles se limitam a partir atrás de «não sei que intuição do desconhecido», os jovens de hoje buscam nas realidades da vida todos os seus problemas.

E no campo artístico, não é perante os pretenciosos dramas místicos e procuras do «Além» que a sua sensibilidade reage. O conteúdo que formará as suas obras de arte, não será um conteúdo cheio de mistérios e de históricas emoções.

Os artistas jovens alargam os horizontes

da arte, uma vez que alargaram as suas preocupações, que compreenderam em tôda a extensão a sua época.

O artista deve de facto consciencializar os seus problemas de homem, mas consciencializar-se não é limitar-se aos seus instintos, às suas emoções, aos seus sentimentos.

Consciencializar-se é conhecer-se; conhecer-se é cultivar-se; e cultivar-se, é mergulhar em todos os problemas da vida. A cultura não pode estar simplesmente cingida ao «sector não dominado». Deve buscar-se êste a partir do «dominado». E se há tantas coisas a procurar resolver na terra, porque teimam os homens em só olhar para o céu? É a arte um reflexo da cultura e portanto, deve ser a exacta expressão de um conteúdo verdadeiramente humano. A arte traduz a consciência e a mentalidade que os homens possuem, e uma vez que essa consciência e mentalidade é diferente, a arte dos jovens é também diferente.

E é à volta da atitude que se toma perante as ideologias que o mundo nos apresenta, que gira tôda a contenda entre os jovens portugueses e tôdas as gerações imediatamente anteriores, ou melhor, entre os jovens e a geração «presencista», única das anteriores que tem de facto bastante valor.

D U A R T E L I M A

(CONCLUSÃO DA PÁGINA 19)

O que concluir, afinal? Talvez que o acto constitutivo do raciocínio é o mesmo acto constitutivo do juízo, e também que na indissolúvel conexão da inteligência concreta e da inteligência simbólica reside a raiz da inteligibilidade do conhecimento científico. Haveria que generalizar o estudo das «formas» do raciocínio da relação aos juízos da relação a três têrmos. Basta notar que dadas duas relações a três têrmos se deduzem duas conclusões diferentes, o que torna legítimo falar em racio-

cinio de relação como alguma cousa de muito diferente do que preocupava a lógica clássica.

Provavelmente objectar-nos-ão que na teoria do raciocínio relacional se tem em conta a matéria da relação, e que portanto a não podemos englobar na lógica formal. A inanidade das distinções que não assentam na natureza da relação, revela, porém, que é impossível construir uma lógica cujo objecto seja exclusivamente a pura forma dos enunciados.

V I T O R I N O M A G A L H Ã I S G O D I N H O